
Memórias de criadores de suínos: a modernização da
suinocultura vista a partir da experiência dos criadores (Nova
Laranjeiras - Paraná)

Memories of pig farmers: the modernization of swine farming
seen from the experience of breeders (Nova Laranjeiras -
Paraná)

Miguel Mundstock Xavier de Carvalho*

Odair José Ferreira de Oliveira**

Resumo

O artigo aborda o período da modernização da suinocultura através das experiências de ex-criadores de suínos integrados a Sadia do município de Nova Laranjeiras, mesorregião Centro-Sul do Paraná. Foram realizadas 6 entrevistas com o objetivo de compreender as dificuldades e vivências particulares dessas pessoas com o processo histórico de modernização da suinocultura, e dessa maneira apresentar uma abordagem de cunho qualitativo do processo de modernização, em contraste com as abordagens quantitativas. Constatou-se que os criadores experimentaram uma série de dificuldades, negociações e tensões no relacionamento com a empresa integradora e os bancos, bem como uma tendência de queda na margem de lucro ao longo dos anos. Além do aspecto econômico, as entrevistas revelam toda uma proximidade cotidiana de convivência com os suínos que está ausente da realidade cotidiana da maioria das pessoas atualmente, o que favorece algumas reflexões importantes sobre as transformações nas relações entre humanos e animais na contemporaneidade.

Palavras-chave: Criadores de suínos; suínos em Nova Laranjeiras – PR; modernização da suinocultura; relações entre humanos e suínos.

Abstract

The article discusses the period of modernization of swine farming through the experiences of former pig farmers integrated into Sadia in the municipality of Nova Laranjeiras, in the Mid-South region of Paraná. Six interviews were

* Doutor em História pela UFSC. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável e em História na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Laranjeiras do Sul/PR. E-mail: miguelmxdecarvalho@gmail.com

** Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: odairj.f.oliveira@hotmail.com

carried out with the objective of understanding the difficulties and experiences of these individuals with the historical process of modernization of swine farming, thus presenting a qualitative approach to the modernization process, in contrast to the quantitative approaches. It was found that the farmers experienced a number of difficulties, negotiations and tensions in the relationship with the integrating company and banks, as well as a downward trend in profit margins over the years. In addition to the economic aspect, the interviews reveal a daily closeness with pigs that is absent from the daily reality of most people today, which favors some important reflections on the transformations in human-animal relations in the contemporary world.

Key words: pig farmers; swines in Nova Laranjeiras – PR; agricultural modernization; human - pig relationships.

Introdução

A modernização da agricultura teve uma abrangência internacional e ocasionou transformações sociais, econômicas, tecnológicas e ambientais no estado do Paraná. Essas mudanças na agricultura se caracterizaram pela tecnificação e integração industrial. Esse processo em toda parte provocou alterações profundas não só na estrutura econômica do setor primário, tanto agrícola quanto a pecuária, mas também acarretou impactos sociais marcantes na vida daqueles diretamente envolvidos, a saber, os agricultores e os criadores de animais.¹

No caso da produção de suínos no Paraná, as transformações fundamentais do processo de modernização a partir das décadas de 1960 e 70 envolveram a introdução do confinamento total, rações cientificamente formuladas e com soja, importação de raças estrangeiras de animais e utilização de antibióticos e remédios. Essas transformações foram levadas a cabo por extensionistas da Emater, os frigoríficos e os próprios criadores. Assim como a modernização da agricultura em geral, o setor da suinocultura em particular também foi caracterizado por transformações de âmbito global, principalmente na segunda metade do século XX.²

¹ McNEILL, John R. *Something New Under the Sun: An Environmental History of the Twentieth Century*. London: Allen Lane, 2000. MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: NEAD, 2010. TAUGER, Mark. *Agriculture in World History*. Florence, KY, USA: Routledge, 2010. BLAXTER, Kenneth; ROBERTSON, Noel. *From Dearth to Plenty: the modern revolution in food production*. Cambridge University Press, 1995.

² ESSIG, Mark. *Lesser Beasts: A Snout-to-Tail History of the Humble Pig*. New York: Basic Books, 2015. MIZELLE, Brett. *Pig*. London, UK: Reaktion Books Ltd, 2011. WOODS, Abigail. "Rethinking the history of modern agriculture: British pig production, c.1910–65." *Twentieth Century British History*, vol. 23, n.2, p.165–191. 2012. ANDERSON, J. L. Lard to Lean: Making the Meat-Type Hog in Post-World War II America. In:

A seguir será feita uma análise desse processo na escala local, pela voz de ex-criadores de suínos do município de Nova Laranjeiras, localizado na Mesorregião Centro-Sul do Paraná.³ Foram entrevistados 6 criadores, selecionados com base nas experiências que tiveram com o antes e o depois do processo modernizador. Com uma exceção, todos os demais fizeram parte também do chamado sistema de safra de porcos, que consistia na criação a solta de porcos em roças de milho especificamente cultivadas para alimentar os animais.⁴ Nesse sentido, são testemunhas das profundas transformações ocasionadas pelo processo de modernização. A justificativa da relevância das entrevistas com essas pessoas se deve ao fato de que muitas vezes a modernização da agricultura é entendida apenas nas suas grandes tendências, nos números e tabelas que explicam o processo, mas a dimensão da experiência local e individual dos criadores acaba ficando esquecida e não contemplada nas explicações macro-processuais. Dessa maneira, acreditamos que as entrevistas, ao revelarem o cotidiano e os afazeres nem sempre agradáveis dos criadores em contato diário com os porcos, revelam uma importante e frequentemente negligenciada faceta da modernização da agricultura.⁵ Além disso, as entrevistas revelaram um cotidiano de proximidade com os animais que não é mais experimentado pela maior parte das pessoas, algo que aponta para um fenômeno marcante do mundo contemporâneo, que é a transformação da percepção e das atitudes em relação aos animais. Essas percepções e atitudes em relação aos animais se alteraram em função das experiências

BELASCO, Warren; HOROWITZ, Roger (orgs). *Food Chains: From Farmyard to Shopping Cart*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2009. p. 29-46. FINLAY, Mark R. Hogs, Antibiotics, and the Industrial Environments of Postwar Agriculture. In: SCHREPFER, Susan R.; SCRANTON, Philip (orgs.). *Industrializing Organisms: Introducing Evolutionary History*. New York and London: Routledge, 2004. p.237-260. WHITE, Sam. "From Globalized Pig Breeds to Capitalist Pigs: A Study in Animal Cultures and Evolutionary History." *Environmental History*, vol. 16, p.94-120, Jan. 2011. MAYDA, Chris. "Pig Pens, Hog Houses, and Manure Pits: a Century of Change in Hog Production." *Material Culture*, vol.36, n. 1, p.18-42, Primavera 2004. THOMPSON, Michael D. "This Little Piggy Went to Market: The Commercialization of Hog Production in Eastern North Carolina from William Shay to Wendell Murphy". *Agricultural History*, vol. 74, n. 2, p.569-584, Primavera 2000.

³ O município se desmembrou de Laranjeiras do Sul em 1990. Nesse artigo utilizamos a denominação município de Nova Laranjeiras para designar o período anterior a esse período, o que não causa prejuízo ao assunto tratado.

⁴ BACH, Arnaldo Monteiro. *Porcadores*. Ponta Grossa-PR: Pallotti, 2009. VALENTINI, Delmir José. O tropeirismo de suínos na região do contestado e sua influência no incipiente processo agroindustrial. In: ZOTTI, Solange Aparecida. *História faz história: contribuições ao estudo da História Regional*. Concórdia-SC: Universidade do Contestado-UnC, HISED, 2006. p.43-51. BRANDT, Marlon. "Criação de porcos 'à solta' na floresta ombrófila mista de Santa Catarina: paisagem e uso comum da terra." *História (São Paulo)*, v.34, n.1, p. 303-322, jan./jun. 2015.

⁵ FARIAS, Anderson; RECK, Brígida; FRISKE, Lizete. *Um olhar sobre a história da suinocultura na região do grande Santa Rosa*. Santa Rosa-RS: Lucano Cultura e Marketing, 2010.

que a maior parte das pessoas tem de contato ou ausência de contato com animais destinados ao abate para conversão em carne, bem como a mudanças de mentalidade em relação aos animais.⁶ Cabe salientar também que as entrevistas foram utilizadas apenas como fontes de informação sobre o tema, sem recorrer a abordagens do tipo análise do discurso.

A suinocultura na voz dos entrevistados

Uma questão fundamental da modernização da suinocultura foi a introdução de novas raças de suínos, chamados de tipo carne, que passaram a substituir o porco tipo banha. Esse processo se originou da demanda da indústria da carne e da ração, e do mercado consumidor, com a popularização do ólego vegetal (principalmente de soja) e a preferência por pedaços de carne com menos quantidade de gordura.

A importação de novas raças para o município de Nova Laranjeiras ocorreu por volta de 1960, como afirmou o entrevistado Paulo Nairne, de 96 anos.⁷ Mais tarde, no final dessa mesma década, alguns safristas de porcos, como o srs. Aldino Balbinot e Valdivino Cruz de Souza passaram a fazer parte do processo de produção de suínos de modo integrado com a empresa Sadia.

Em Nova Laranjeiras as entrevistas foram realizadas pelos autores em diferentes comunidades do município, com ex-criadores que fizeram a integração com a Sadia. Na pesquisa utilizou-se o contexto do processo de integração e a contextualização desse sistema produtivo com base nas entrevistas, ou seja, na visão dos criadores integrados. O que foi para eles serem integrados, seu cotidiano de trabalho, dificuldades, vantagens, desvantagens, ganhos econômicos e perdas, trato com os animais, entre outras questões.

Com base nas entrevistas verificou-se que o processo de integração dos criadores do município de Nova Laranjeiras ocorreu a partir de 1969, aproximadamente.

O entrevistado, sr. Valdivino Cruz de Souza, 78 anos, era um grande safrista de porcos do município, e há tempos procurava por animais de “boa qualidade genética”. Seu rebanho contava com matrizes cruzadas, derivadas do cruzamento das raças de Planche e Duroc Gersy, com um cachaço Large White puro, animal esse adquirido diretamente da granja Palmares por volta de 1968. Com uma certa quantidade de animais prontos para o abate dirigiu-se

⁶ BULLIET, Richard. *Hunters, herders and hamburgers: the past and future of human-animal relationships*. New York: Columbia University Press, 2005.

⁷ NAIRNE, Paulo. Entrevista concedida aos autores. Nova Laranjeiras - PR: Setembro de 2015.

ao frigorífico da Sadia em Toledo, que havia sido inaugurado em 1964, para fazer a venda desses animais resultantes do cruzamento dessas raças.⁸ A empresa Sadia mandou um técnico para analisar a qualidade dos suínos. Quando o técnico denominado de Dr. Atilio chegou à propriedade do seu Valdivino, percebeu que os animais tinham grande potencial genético e escolheu aqueles suínos que se encaixavam nos padrões de peso que eram abatidos nos frigoríficos da Sadia (entre 70 e 120 Kg). Os mais pesados não foram levados.⁹

A partir dessa visita, o técnico Dr. Atilio percebeu que o sr. Valdivino tinha um grande potencial produtivo e lhe fizeram um convite para ser um integrado da Sadia. Seu Osvaldino, como um grande produtor da região no modelo de safras de porcos, aceitou a proposta. A sua primeira instalação para colocar os suínos no modelo de confinamento foi a construção de um chiqueiro de 20 metros de comprimento por 10 de largura. Essa construção era de madeira, dividida em duas partes de 3 metros cada uma, com um corredor no meio de um metro. Também tinha uma parte com três metros de largura, descoberta e construída de piso de concreto, onde foi feita uma vala para escorrer as fezes e urina dos animais.¹⁰

No início da integração ele começou com 22 porcas brancas, em um momento subsequente passou para 44 matrizes. Como ele atuava no ramo das safras de porcos tinha uma matriz da raça Poland China que criava sempre 12 leitões, um animal que quase sempre dava em torno de duas a três crias no ano. Contou ele que essa porca era um tanto rebelde, saía do mangueirão, indo às roças de milho dos vizinhos, por isso o sr. Valdivino queria colocá-la junto às demais matrizes brancas. Porém o técnico da Sadia o questionou sobre querer misturar essa porca peluda junta com os animais puros. Com a situação financeira estável, Valdivino rebateu os comentários do técnico em relação à porca não se encaixar nos padrões pré-estabelecidos pela Sadia e que se fosse para se desfazer desse animal ele rescindiria o contrato. Falou até para o técnico queimar os papéis do contrato. O técnico então sugeriu que ele mudasse a porca para um chiqueiro ao lado, onde tinha outros animais.

Resolvida a questão da matriz Poland China, logo ela pariu 12 leitões brancos, pois havia sido emprenhada por um cachaco puro Large White, raça

⁸ Toledo está localizado a 180km a oeste de Nova Laranjeiras, e se constituiu desde a década de 1960 no centro da produção de suínos no Paraná. TEIXEIRA, Francisco. *Sadia 50 anos: construindo uma história*. São Paulo: Prêmio, 1994. CORAZZA, Gentil. Fronteira Sul: traços da formação econômica. In: RADIN, José C.; VALENTINI, Delmir J.; ZARTH, Paulo A (orgs.). *História da Fronteira Sul*. Porto Alegre: Letra & Vida; Chapecó: UFFS, 2015, p.298-317.

⁹ SOUZA, Valdivino Cruz de. Entrevista concedida aos autores. Nova Laranjeiras - PR: Março de 2016.

¹⁰ Idem.

esta que foi a principal importada no processo de modernização.¹¹ Os leitões derivados desse cruzamento, com uma alimentação de qualidade, surpreenderam o técnico, pois o seu crescimento e a aparência da carcaça eram superiores aos de cruzamento puro.

No princípio o sr. Valdivino mesmo adquiria as porcas, e elas deveriam ser de raça pura. Para ser um integrado o produtor tinha que ter no mínimo 10 matrizes e um cachaço. Em período subsequente a Sadia passou a fornecer também as matrizes e os cachaços. Nessa fase, iníciode integração, ele tinha a atividade de confinamento e de safra de porcos ao mesmo tempo. A ração utilizada para a alimentação dos animais era cedida pela Sadia, sendo o pagamento da mesma realizado quando o produtor vendia os suínos gordos. Em um momento posterior, quando ainda tinha animais confinados, mas já não era mais um integrado, passou a fabricar sua própria ração, pois segundo ele a ração representava mais de 60% das suas despesas na produção de suínos.

O contrato de integração com a Sadia estava realizado e a produção dos chiqueiros deveria ser totalmente repassada para o frigorífico da mesma. Já os animais das safras de porcos poderiam ser vendidos para a Sadia ou para outras empresas frigoríficas da região, ficando livre para comercializar com quem lhe oferecesse um melhor preço.¹²

Nos primeiros anos da integração ele argumenta que as exigências eram menores, pois a Sadia tinha poucos integrados. Não existiam muitos produtores que disponibilizassem condições para produzir animais no modelo de confinamento na região de Nova Laranjeiras. A partir do momento em que começou a aumentar a quantidade de integrados, bem como a inserção da empresa no mercado internacional de carne na década de 1970, as exigências passaram a ser maiores em relação aos cuidados de alimentação e vacinação.¹³

Aos suínos confinados se aplicavam injeções de ferro após oito dias do nascimento. Já aos animais das safras de porcos não era necessário aplicar injeções de ferro, pois esses animais comem de tudo o que há na natureza, principalmente o carvão deixado pelas grandes árvores. Relatou que assim como a natureza é rica em nutrientes e minerais, a necessidade do uso de

¹¹ A raça Large White vai ser uma das que representam a modernização da suinocultura, e se caracteriza por ter pele branca e rosada, o que vai ser a imagem padrão do porco na imaginação popular hoje em dia, e representada em animações, por exemplo. De uma situação em que existia uma grande diversidade de raças locais anteriores ao período da modernização, a raça Large White se tornou a mais importante no mundo inteiro. MIZELLE, *Pig*, op. cit. p.22.

¹² SOUZA, Valdivino Cruz de. Entrevista concedida aos autores, op. cit.

¹³ DALLA COSTA, Armando João. "A Sadia e o pioneirismo industrial na agroindústria brasileira". *Revista História Econômica & História de Empresas*, n.1, p.109-144, Fevereiro 1999.

medicamentos era reduzido. As únicas vacinas utilizadas eram contra a peste suína e o carbúnculo.¹⁴ Essas questões explicam por que o modelo de safra de porcos fosse muito mais lucrativo do que o modelo de integração, na visão dos entrevistados Valdivino Cruz de Souza e Aldino Balbinot.¹⁵

Outro entrevistado pelos autores, sr. Aldino Balbinot, 79 anos, também apontou uma série de experiências em comum. Ele passou a ser um integrado da Sadia no início da década de 1970, e assim como Osvaldino, também foi um safrista de porcos antes de ser um integrado. A exigência da Sadia para o produtor naquela época, por volta dos anos de 1970, era a mesma mencionado anteriormente por Valdivino, que tivesse um chiqueiro, 10 matrizes (prontas para a reprodução) e um cachaço. O primeiro chiqueiro que ele fez tinha 6 metros de largura por 10 de comprimento. Aldino Balbinot ressalta que no início a sua construção foi simples, com pouco investimento e realizada por ele mesmo, devido à precaução com relação a esse novo modelo de criação de suínos confinados, pois foi um dos primeiros de Nova Laranjeiras a participar como integrado.¹⁶

Aldino afirmou que no princípio da integração era “muito bom”. A integradora fornecia a ração pré-inicial para os leitões e a ração específica para as matrizes com o preço fixo e com exigência de pagamento somente no momento de entrega dos porcos gordos. A mão-de-obra utilizada num primeiro momento era exclusivamente familiar. Os animais eram adquiridos pelo produtor no início. Depois de um tempo a integração passou a ser total, desde os animais, a ração e o medicamento, “vinha tudo da Sadia para o produtor”.¹⁷

Balbinot relacionou a quantidade de leitões que uma matriz pare, o que depende muito dela e do cachaço. Para as matrizes parirem uma quantidade de leitões considerada satisfatória o reprodutor deve no mínimo ter uns 4 anos e ter os testículos (batatas) grandes. Segundo ele, esse é um dos fatores fundamentais.

Ao ser questionado sobre problemas com doenças dos suínos ele ressaltou que sempre tinha alguns. As doenças mais comuns consistiam na pneumonia e os surtos de diarreia em leitões. Quando ocorria um tal surto, além

¹⁴ A peste suína clássica afetou severamente o Paraná na década de 1940. Francisco C. Viana relata que em 1946 ocorreram surtos graves de peste suína, especialmente no Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. VIANA, Francisco C. *História e Memória da Peste Suína Africana no Brasil, 1978-1984*: passos e descompasso. Tese (Doutorado em Ciência Animal). Belo Horizonte: UFMG, 2004. p.102.

¹⁵ BALBINOT, Aldino. Entrevista concedida aos autores. Nova Laranjeiras - PR: Setembro de 2016.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

da vacinação, que deveria ser realizada no rebanho inteiro, os chiqueirões deveriam ser desinfetados para que o vírus desaparecesse totalmente do local.

Durante o período de integração ele realizou algumas melhorias nos seus chiqueirões, mas sempre de acordo com as suas condições e sem gastos exorbitantes. Ele lembrou que chegou a ter até 1.500 porcos num determinado momento, ocasião em que tinha um casal contratado como mão-de-obra para trabalhar com os animais.

A comercialização dos suínos gordos se dava em Guaraniaçu, 50 km a oeste, onde havia um entreposto da Sadia, por existir já muitos integrados da empresa. A ração também era adquirida nesse entreposto. Em um momento subsequente, quando as condições financeiras melhoraram, ele adquiriu um caminhão e passou a levar os animais até a sede do abatedouro na cidade de Toledo. Na volta trazia a ração, passando a ganhar o valor do frete, antes pago a terceiros.

Assim como Valdivino, Aldino Balbinot também afirmou que a integração até um período era vantajosa, principalmente no início. A partir de um certo tempo, no entanto, passou a não ser viável continuar com esse modo de produção. Ele relatou que houve muitos momentos de perdas consideráveis, assim decidiu lidar por conta própria, pois a Sadia começou a cobrar juros sobre a ração consumida, com preço flutuante, de acordo com a inflação. O sr. Aldino destacou que a cada ano que passava como integrado, menor ficava a margem de lucro.

Após a sua saída da integração, para minimizar os custos elevados de alimentação dos suínos, Aldino passou a fabricar a sua própria ração. Os ingredientes utilizados para fazer a ração eram milho, farelo de soja e núcleo. Essa estratégia fez com que ele permanecesse por mais um tempo no ramo de animais confinados, até que devido a idade (70 anos) e ao cansaço decidiu abandonar a produção de suínos.

Outro entrevistado pelos autores foi o sr. Zelmar Lázzari, 65 anos. Para obter o seu sustento e de sua família construiu um chiqueiro para criação de porcos comuns, animais estes adquiridos em Guarapuava e em Pinhão. A forma de alimentação desses animais se dava com o uso do milho, abóbora, mandioca, batata doce, soja e restos de alimentos. Fazia-se um cozido com esses produtos, a chamada lavagem.¹⁸

O sr. Zelmar logo percebeu a oportunidade de obter mais retorno econômico com a atividade de criação de porcos no modelo de confinamento.

¹⁸ LÁZZARI, Zelmar. Entrevista concedida aos autores. Nova Laranjeiras - PR: Setembro de 2016.

Esse objetivo surgiu devido a integrantes da família da sua esposa serem integrados da Sadia. Mas em especial ele relatou que a principal influência foi do sr. Osvaldo Passarin, um grande produtor integrado da Sadia, morador de Nova Laranjeiras.

Como já mencionado pelos entrevistados anteriores, Zelmar confirmou que a Sadia disponibilizava as matrizes para o produtor, e, adicionalmente, que o pagamento desses animais iria ocorrer quando elas criassem e os seus filhotes fossem vendidos gordos. A única forma de adquirir as matrizes e os reprodutores era da Sadia ou de alguma granja inspecionada e aprovada pela mesma. As principais raças cedidas pela Sadia eram os chamados porcos brancos: Large White e Landrace.

Quando as matrizes estavam no período de parir o produtor tinha que acompanhar o tempo todo, pois Zelmar afirmou que a cada 20 minutos a porca para ter um parto normal tinha de parir um leitão. Se a porca não conseguisse criar ele aplicava uma Placentina para ajudar ela a parir. Caso algum leitão ficasse enroscado tinha de se fazer a retirada dele colocando a mão dentro do útero da porca e retirar o animal com cuidado. Após esse processo era necessário aplicar antibióticos na matriz para ela não adoecer.

No parto haviam alguns agravantes, pois algumas matrizes rejeitam os leitões. Isso ocorria se o produtor tocasse no recém-nascido, ou chegasse muito perto, o que favorecia a porca matar seus próprios filhotes. O ex-integrado ressaltou ainda que as porcas em alguns casos passavam pela depressão pós-parto, assim como acontece com algumas mulheres. A exigência da Sadia com seus integrados é que as matrizes permanecessem no máximo três a quatro anos, após esse período elas deveriam ser descartadas. As porcas pariam duas a três vezes em cada ano e deveriam ter acima de 8 filhotes. As que dessem menos eram descartadas, pois o ideal era de 9 a 12 por parição. Zelmar relatou que os técnicos pressionavam falando que alguns produtores tinham porcas que criavam 15 filhotes, o que fazia com que o produtor se sentisse um fracassado por suas porcas parirem menos leitões. Isso era usado para pressionar mais para que o integrado cuidasse melhor do seu rebanho.

Após o nascimento dos leitões, Zelmar contou que o primeiro procedimento era amarrar o umbigo e cortar o rabo com no máximo 5 centímetros. Após 3 a 4 dias era aplicada injeção de ferro e com 10 dias eram castrados com o uso do canivete, procedimento recomendado com o uso de iodo. O chiqueiro era dividido com o uso de lâmpada e serragem onde os leitões eram castrados. O desmame era realizado quando os filhotes tivessem 17 kg, com um prazo preestabelecido para que atingissem esse peso. Os que estivessem

abaixo desse peso deveriam ser eliminados ou colocados separados em outro chiqueiro. Zelmar ainda contou que no início da integração tinha até 60 dias para fazer o desmame, e depois passou para 45 dias.

Para os leitões, desde recém nascidos, era fornecida uma ração especial e leite em pó, misturados na propriedade. Ele contou que seus filhos iam brincar no chiqueirão e acabavam comendo o leite que vinha para alimentar os porquinhos. Quando os leitões estavam com 22 kg era adicionada a ração de crescimento concentrada, e mais tarde a de engorda. O sr. Zelmar lembrou que o produtor tinha de atingir a quantidade exigida pela empresa integradora, pois se não conseguisse vinha uma advertência com os pontos onde se tinha falhado, uma forma de pressão sobre o integrado para se dedicar mais nos cuidados com os animais.

O processo de higienização do chiqueiro era diário, envolvendo a retirada da serragem e dos estrumes defecados pelos suínos. Por ocasião do transporte do plantel para o frigorífico, fazia-se ainda o chamado vazio sanitário, processo esse de desinfecção, além de uma nova pintura. Tudo o que era realizado na granja era anotado, o que servia para verificar se a meta pré-estabelecida pela Sadia era atingida. Sempre que não cumpria essa meta recebia uma advertência, relatou.

A prática cotidiana que o sr Zelmar realizava começava às 6 da manhã. Tratava dos animais, em seguida fazia a limpeza das baias, jogava cal ou água com iodo nos depósitos de estrumes, pois a qualquer momento os técnicos poderiam chegar para fazer a inspeção. Se não tivesse feita essa higienização levava uma advertência. Contou ainda que o integrado não tinha Natal, Ano Novo, pois vivia exclusivamente para cuidar dos suínos. Se tivesse 3 a 4 advertências, a pessoa era obrigada a deixar a Sadia, forma de coerção em relação aos produtores para seguir as normativas de criação pré-estabelecidas pela empresa.

No início ele ressaltou que deveria começar com 10 matrizes, mas se você estivesse indo bem, a Sadia através de seu técnico informava que mandariam mais 5 e assim por diante, para estimular o criador a produzir mais. O sr. Zelmar afirmou que cada vez mais o “integrado se aprofundava em financiamentos” para melhorar as instalações para os suínos. Nessa forma de integração, relatou, tudo era responsabilidade dele, mas ele “não passava de um empregado da empresa”. Além disso, deveria estar presente uma pessoa em todas as horas do dia, pois se os técnicos chegassem à granja e não tivesse ninguém, o integrado recebia uma advertência.

Zelmar ainda relatou sobre a sua observação cotidiana do comportamento dos porcos. Ele disse que os suínos tinham por característica serem predadores uns com os outros, e portanto, havia dificuldade em misturar um rebanho com o outro, e mesmo sendo irmãos, um ataca o outro. Para misturar os animais ele contou que tinha de fazer alguns procedimentos tais como: colocar uma corrente pendurada no teto para eles ficarem mordendo, jogar um pouco de terra ou capim diferente, ou lavá-los com sarnicida para disfarçar o cheiro, assim evitando que eles brigassem.

Para a retirada dos porcos do chiqueiro era tudo programado, e como já mencionado, o integrado deveria apresentar uma determinada quantidade de animais, o que era exigido pelo freteiro e pelo abatedouro. Ele comentou que os porcos eram todos marcados, no caso dele era a inscrição “j51”, que era para rastrear se algum dos animais fosse condenado por alguma doença ou machucado, como fratura de perna ou hematoma. Os animais deveriam pesar entre 70 e 120 kg, e os horários de retirada deles eram sempre na madrugada, geralmente por volta da meia noite, devido ser uma temperatura mais amena. Para o embarque havia o maior cuidado para não machucar o suíno. Contou que ele usava um pedacinho de cano para assustar os animais e para subirem no caminhão, com destino ao frigorífico na cidade de Toledo. Os animais com mais de 120 kg eram considerados porcos cavalo e a Sadia não aceitava esses animais. As matrizes também após quatro anos eram descartadas, bem como os cachacos mais velhos. O produtor deveria procurar outros matadouros para destinar esses animais de descarte, muitas vezes vendidos nos pequenos abatedouros locais. Esses porcos quase sempre eram destinados a produção de linguiça, salame, banha e torresmo.

O ex-integrado afirmou que os técnicos pressionavam para aumentar o rebanho, o que demandava mais investimentos. Ele chegou a ter 50 matrizes, num total de 300 animais. No verão relatou que tinha alguns incidentes com os porcos, como ataque cardíaco. Esses animais dessa forma vitimados eram partidos e retirados o coração, pulmão e outras partes internas para fazer exames e determinar a causa da morte.

A seleção dos cachacos para cruzar com as matrizes era feita por meio de experiências para ver qual cruzamento dava melhor carcaça. As matrizes que repetissem o cio mais de três vezes eram descartadas. Quando dava um cruzamento de qualidade o integrado poderia retirar alguma leitoa que mais tarde se tornaria uma matriz. Os cachacos ficavam longe um do outro, no mínimo três baias de distância para não brigarem e não arrebentarem o

chiqueiro. Para que os machos não machucassem as matrizes eram cortadas as suas presas.

O sr. Zelmar relatou que era uma tristeza quando os animais não atingiam o peso dos 70 kg. Nesse caso, deveriam ficar 3 a 4 por baía e fazer procedimentos tais como: mudar todos eles para uma baía estranha, o que causava curiosidade neles, até que fizessem o reconhecimento já tinham se misturado devido ao cheiro. Outras formas era jogar terra, molhar, entre outros. Ele contou que era curioso que os porcos percebiam quando alguém estava observando, e aí não brigavam, mas quando estavam sozinhos um atacava o outro, geralmente mordendo a orelha de outro suíno.¹⁹ Quando isso acontecia esse animal machucado deveria ser retirado imediatamente, senão devido ao odor do sangue eles começavam a atacar uns aos outros como um todo. Se não retirasse esse animal os demais o matavam.

A visita dos técnicos acontecia de 15 em 15 dias, ou caso necessário, semanalmente. Após um certo período ele passou a fazer a parceria só com leitão, e contou que cada vez mais o prazo para o desmame dos animais diminuía. Com a integração exclusiva de leitões ele tinha um prazo pré-estabelecido para pesar de 18 a 23 kg por suíno, e além disso, poderia entregar até dois a três animais com peso superior ao patamar estabelecido, não ultrapassando o limite de 24 a 25 kg. Se os animais não atingissem esse patamar de peso tinham no máximo três dias para chegar à meta estabelecida. A empresa integradora tinha um grande controle de cada um dos integrados, desde o dia que as matrizes pariam até o momento de desmame dos leitões. Esse controle era facilitado pelo método de marcação dos animais desde o período de seu nascimento com uma tatuagem, contou Zelmar. .

Tudo o que acontecia na granja deveria ser anotado (contabilizado) para ser repassado para os técnicos, e mesmo um animal que era abatido para o consumo da família deveria ter uma justificativa, pois eles queriam toda a produção para eles, relatou.

A empresa oferecia cursos na cidade de Laranjeiras do Sul, e sempre participavam cerca de 400 a 500 integrados. A participação que a integradora pregava era a participação do casal, pois quando o homem não pudesse estar presente a esposa tinha conhecimento dos procedimentos adequados, caso ocorresse algum problema com os suínos.

¹⁹ Esse relato informal sobre a psicologia do suíno confirma o que os especialistas afirmam, ou seja, que os porcos são os animais domésticos mais intelectualmente capazes. ESSIG, Mark. *Lesser Beasts: A Snout-to-Tail History of the Humble Pig*. New York: Basic Books, 2015.

Zelmar afirmou que no início a lucratividade era muito boa, “um porco gordo pagava um funcionário”. Quando sobrava algum dinheiro era revertido na produção e nas instalações para aumentar a quantidade de animais. Com o passar dos anos a margem de lucro ficou cada vez menor, se tornando inviável, mas a Sadia sempre argumentava que o preço dos suínos iria melhorar, passando a ser vinculado ao dólar. Isso só ficava na promessa e o sr. Zelmar estava cada vez mais acumulando dívidas com a Sadia, percebendo que não havia outra alternativa. Após 17 anos deixou de ser integrado. Como não tinha dinheiro para pagar as suas dívidas, lembrou que propôs para a empresa que levasse os animais para cobrir a dívida, pois dinheiro ele não iria dar.

Zelmar afirmou que por volta dos anos de 1995 a 2000 existiam cerca de 150 produtores integrados a Sadia no município de Nova Laranjeiras.²⁰ Desses, afirmou que todos deixaram de ser integrados, devido as exigências cada vez maiores e as margens de lucro cada vez menores. Em muitos momentos a produção não cobria os custos de produção dos suínos.

Antonio Passarin, 65 anos, outro entrevistado e ex-integrado, afirmou que o preço pago por um kg do suíno vivo por volta de 1975 equivalia a uma bolsa de sal branco, e que hoje em dia custa cerca de R\$11 reais, enquanto que um kg de porco atualmente está em torno de R\$ 4 reais. Ele ainda ressaltou que um porco de 100 kg tinha seu valor maior do que o salário mínimo vigente daquela época.²¹

Zelmar, após sair da integração, passou a produzir por conta própria, mas sem recursos para viabilizar o negócio se viu obrigado a obter financiamento junto aos bancos. Ele ressaltou que isso foi a sua pior escolha, onde perdeu o resto do que tinha ganhado durante toda a sua vida com a atividade de criação de suínos.²²

Assim como Zelmar e os outros ex-integrados entrevistados, o sr. Alcir Balbinot, 51 anos de idade, influenciado por seu pai Aldino Balbinot, deu início em 1989 a integração de ciclo completo, que incluía desde as matrizes, cachacos, até os medicamentos e a ração concentrada, para os diferentes estágios dos suínos desde seu nascimento até a sua engorda. A Sadia fazia propaganda na época para chamar a atenção de possíveis futuros integrados. As matrizes

²⁰ A população do município em 2000 (IBGE) era de 11.699 habitantes. Ou seja, os integrados a Sadia representavam 1,28% da população total do município, isso sem levar em conta as famílias dos integrados.

²¹ PASSARIN, Antonio. Entrevista concedida aos autores. Nova Laranjeiras - PR: Maio de 2017.

²² LÁZZARI, Zelmar. Entrevista concedida aos autores. Nova Laranjeiras - PR: Setembro de 2016.

e os reprodutores utilizados eram cedidos pela Sadia com um preço melhor do que adquirir de terceiros, lembrou.²³

Na entrevista ele também ressaltou que no princípio da integração era muito lucrativo, mas com o passar dos anos a margem de lucro foi diminuindo cada vez mais, até se tornar inviável permanecer nesse sistema. Os principais fatores que fizeram com que a margem de lucro diminuísse foram a diminuição do preço pago pela Sadia por kg do porco vivo e a alta do milho, um dos principais cereais utilizados na fabricação da ração. Após vários anos, Alcir se viu obrigado a deixar a integração a Sadia, pois ano após ano acumulava prejuízos, mas não abandonou a atividade de criação de suínos em confinamento. Passou a ter a sua produção por conta própria, tendo que recorrer aos financiamentos junto aos bancos para sanar dívidas e investir nas instalações, bem como fazer reformas nas mesmas. Hoje em dia ele ainda trabalha com o modelo de confinamento de aves e suínos. Uma forma encontrada por ele para sobreviver nesse ramo econômico de negócios foi a fabricação da sua própria ração, pois segundo ele, ela representa cerca de 65% do custo de produção, sendo o fator que mais encarece o kg de porco produzido.²⁴

Alcir ainda lembrou que não havia uma destinação adequada dos dejetos dos suínos, que escorriam a céu aberto indo parar nos rios. A Sadia não tinha preocupação com os dejetos, pois era comum aos produtores não dar uma destinação correta para esses dejetos, afirmou. Com o passar dos anos a construção da fossa para depositar os dejetos dos suínos passou a ser obrigatório. Além do mais, o sr. Alcir Balbinot teve a iniciativa de comprar um Cromador, máquina esta utilizada para retirar os dejetos dos animais e jogar na terra onde era realizado o plantio do milho. Esse é um dos fatores, ressaltou, que faz com que permaneça com a produção de aves e suínos confinados. A adubação orgânica reduz o custo da produção do milho, que é o cereal com maior volume na ração, e sua variação de custo de produção afeta diretamente o custo da ração produzida pelo agricultor. Portanto, quanto menor o custo da produção da ração, o produtor terá uma maior lucratividade no final do ciclo, ou seja, na venda dos suínos ou das aves.

Considerações Finais

O depoimento dos entrevistados, ex-integrados a Sadia, demonstrou as preocupações, angústias e dificuldades enfrentadas pelos criadores no

²³ BALBINOT, Alcir. Entrevista concedida aos autores. Nova Laranjeiras - PR: Julho de 2016.

²⁴ Idem.

município de Nova Laranjeiras. Essas questões foram experimentadas por milhares de criadores de suínos e aves no Sul do Brasil e que trabalharam durante o período da modernização da agricultura, a saber, desde a década de 1960. As dificuldades encontradas e relatadas pelos entrevistados dão uma dimensão mais intimista da labuta diária e do esforço de sobrevivência desses agricultores do que revelam as tabelas e números gerais da modernização, tão comuns em outras publicações.²⁵ Não se trata de negar a importância das análises de cunho predominantemente quantitativo, mas de contribuir enriquecendo-as com outros aspectos não visíveis em tabelas e gráficos. Além disso, a dificuldade crescente de se manter na atividade da suinocultura ao longo dos anos, relatada pelos entrevistados, aponta para a questão já mais frequentemente expressa em números e tabelas e delineada portanto, nos seus aspectos gerais, da tendência desse setor em selecionar (e portanto, excluir a maioria) aqueles criadores e regiões com mais facilidade para se manter no negócio e que ampliassem a escala de produção.²⁶ Ou seja, tanto as regiões menos favoráveis à produção, como é o caso de Nova Laranjeiras, por uma série de questões, entre elas ter um relevo montanhoso e portanto menos mecanizável para a produção de cereais, quanto o perfil de produtores com menor plantel de animais, que tendem a desaparecer do mapa da suinocultura, o que corrobora a fala dos depoentes da queda da margem de lucro ao longo dos anos. Transparece na fala dos entrevistados também os embates e as tensões com as exigências da empresa integradora e os bancos, que disciplinavam as ações dos agricultores e orientavam sua organização da vida cotidiana.

Além dessas questões relevantes de cunho econômico sobre as dificuldades de sobrevivência dos depoentes e as relações dos criadores com a Sadia e os bancos, também chama a atenção nesses depoimentos a própria relação íntima dessas pessoas com os suínos que viviam em suas propriedades. É frequentemente negligenciado pela historiografia que o processo de modernização e a subsequente diminuição do número de criadores ao longo das últimas décadas significaram que cada vez um número menor de pessoas

²⁵ KRABBE, Everton Luis et al. *Cadeias produtivas de suínos e aves*. Embrapa Suínos e Aves, 2013. Associação Brasileira dos Criadores de Suínos - ABCS. *Produção de Suínos: Teoria e Prática*. Brasília: Coordenação Técnica da Integrall Soluções em Produção Animal, 2014.

²⁶ Associação Brasileira dos Criadores de Suínos - ABCS, op. cit. TERHORST, Karin Inês Lohmann; SCHMITZ, José Antônio Kroeff. De porco a suíno: história da suinocultura e dos hábitos alimentares associados aos produtos dela derivados entre agricultores familiares do Vale do Taquari. In: MENASCHE, Renata (org.). *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no vale do Taquari*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.100-119.

vive em contato direto com os animais que posteriormente são mortos e transformados em alimento pela indústria da carne. Como já apontaram outros autores, isso tem uma implicação bastante profunda sobre como as pessoas pensam sobre os animais.²⁷ O afastamento da maioria das pessoas dos locais onde os animais vivem e são abatidos acaba por favorecer o afloramento de sensibilidades favoráveis aos animais nas sociedades urbanas, o que já foi apontado por outros autores.²⁸ Como apontou o historiador Brett Mizelle, o paradoxo da suinocultura moderna é que

quanto mais porcos há no mundo, mais difícil se torna ver eles. Embora os porcos vivos costumavam ser familiares em vários ambientes sociais, com o tempo, especialmente nos países desenvolvidos, eles sumiram da vista. Recentes desenvolvimentos na maneira como a carne de porco é produzida cortaram muitas das conexões históricas entre humanos e porcos, e junto com as múltiplas maneiras com as quais nós consumimos o ‘porco cultural’ ou a ‘ideia do porco’, tem obscurecido o animal real.²⁹

Nesse sentido, o relato dos entrevistados sobre a proximidade cotidiana com os suínos causa certamente choque e espanto na maioria dos leitores desse artigo, pois faz parte de uma realidade que já não é mais compartilhada pela maior parte das pessoas, especialmente daqueles mais jovens e que cresceram em contextos urbanos. Ainda nessa questão também chama a atenção na fala dos entrevistados a ausência de considerações sobre o bem-estar dos suínos, a não ser nos casos em que poderia ocorrer algum dano a carcaça dos animais, o que comprometeria o rendimento econômico do negócio. Os suínos viviam em espaços apertados nesses chiqueiros, com restrições severas de movimento, o que gerava estresse e impedia uma série de comportamentos naturais desses animais, como buscar seu próprio alimento, vagar por campos e florestas, construir ninhos, fuçar e revirar a terra, e tomar banhos de lama ou em rios. O contato e o manejo habitual desses criadores ao longo dos anos naturalizava essas práticas e impedia-os de problematizar ou questionar as relações com os animais, principalmente em se tratando de um ambiente

²⁷ BULLIET, op. cit. LEE, Paula Young (ed.). *Meat, Modernity, and the Rise of the Slaughterhouse*. Lebanon-NH: University Press of New England, 2008. FITZGERALD, Amy J. “A Social History of the Slaughterhouse: From Inception to Contemporary Implications.” *Human Ecology Review*, vol. 17, n. 1, 2010. DIAS, Juliana V. G. *O Rigor da Morte: a Construção Simbólica do “Animal de Açougue” na Produção Industrial Brasileira*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Campinas: UNICAMP, 2009.

²⁸ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. Companhia de Bolso, 2010.

²⁹ MIZELLE, Pig, op.cit. p.8, 9.

mercado por exigências e tensões com a empresa integradora e a necessidade de sobrevivência econômica.

Artigo recebido para publicação em 31/10/2017

Artigo aprovado para publicação em 11/06/2018